

A CIBERCULTURA E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Michelle Pascoal Maia¹

Ana Kalina Araújo de Souza²

Resumo: O presente artigo procura fazer um estudo acerca da relação pós-moderna entre a cibercultura e os movimentos sociais. O objetivo do trabalho é analisar o fenômeno do ciberativismo, com base em um movimento de protesto ocorrido em Natal, Rio Grande do Norte, denominado Revolta do Busão. O trabalho investigativo procurou entender as novas relações políticas ativistas criadas com base na cibercultura; nesse sentido, foram realizadas entrevistas com alguns participantes e militantes do movimento em Natal. A Revolta do Busão foi um movimento de protesto que se organizou através da internet, especificamente por meio do Facebook e encontrou nas redes o instrumento mobilizador para levar milhares de pessoas às ruas da cidade. Através de uma reflexão sobre a cibercultura e as novas realidades sociais, de um pequeno relato histórico sobre os movimentos sociais no país, destacando o surgimento do fenômeno do ciberativismo e a eclosão da Revolta do Busão, verifica-se um elemento transformador da cultura política por meio das redes informacionais e das tecnologias modernas, nas quais se apresentam novas formas de fazer política e de atuação dos movimentos sociais no tempo presente. O estudo ainda tenta mostrar a importância das redes sociais como ferramenta facilitadora neste novo processo de comunicação global, que tem resultado nas mobilizações de protestos ocorridas pelo mundo, e, em particular, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte.

Palavras-chave: Cibercultura, Ciberativismo, Movimentos sociais, Revolta do Busão.

¹Doutoranda do Programa em Pós-graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

²Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Introdução

A pós-modernidade aponta transformações sociais por meio de novidades no campo das tecnologias e redes informacionais. As inovações tecnológicas têm modificado as relações sociais, com o surgimento de novos canais de comunicação e informação que trazem um novo formato de relações globais, nas quais as distâncias geográficas são encurtadas através da rede. A internet surge como um novo espaço de encontro que ganha adeptos em grande velocidade, no qual se abre um mundo de possibilidades ilimitadas no trabalho, educação, diversão, viagens, encontros e até nas reivindicações políticas e sociais.

Assim, diante das novas relações mediadas pelas tecnologias da comunicação, as relações políticas também passam a existir dentro dessa realidade, os movimentos sociais passam a atuar inseridos em um mundo moderno, globalizado e de relações fluidas.

Um novo formato de relacionamento social é constituído no âmbito virtual, no campo da cibercultura, denominado ciberativismo, compreendido como formas de ativismo político e protestos que emergem através das tecnologias de informação. Diante do desgaste e das insatisfações dos indivíduos com as instituições políticas, e com as tradicionais formas de representação, criam-se outras formas de intervenção política e de contestação da estrutura social vigente. De acordo com Lemos e Lévy,

A cibercultura é o conjunto tecnocultural emergente no final do século XX impulsionado pela sociabilidade pós-moderna em sinergia com a microinformática e o surgimento das redes telemáticas mundiais; uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 21-22).

Dessa forma modificam-se as formas tradicionais de fazer política e, nesse sentido, os tempos atuais trazem novidades no que se refere ao processo de convivência entre os seres humanos e as tecnologias da comunicação, permitindo às pessoas conectadas em redes virtuais modificar, intervir, contestar, reconstruir as práticas culturais, políticas e sociais. De acordo com Lemos e Lévy,

Pela primeira vez, devido às características atuais do ciberespaço, é possível produzir o sentido coletivamente, cooperativamente, no jogo das subjetividades e das linhagens, para além das fronteiras das culturas, das religiões, dos territórios, dos pequenos poderes. Nesse caso, o “sentido” da tecnologia só se produz em se fazendo.(LEMOS; LÉVY, 2010, p. 30-31).

Logo, esse contato dinâmico, de troca de informações, mensagens, de um processo de ausência do corpo físico, concreto, do mundo virtual dentro da realidade humana, impõe outras maneiras de amar, criar laços afetivos, trabalhar, se comunicar e, também, de fazer política.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo compreender essa relação pós-moderna entre a cibercultura e os movimentos sociais, tendo como objeto central o movimento social que eclodiu no Brasil, especificamente na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, denominado Revolta do Busão.

Diante disso, o presente estudo visa responder os seguintes questionamentos: que novas relações políticas são criadas com a cibercultura? E qual o papel das redes sociais nas mobilizações que surgiram no país, com destaque para o movimento de protesto denominado de Revolta do Busão, ocorrido em Natal?

No que se refere à estrutura, o artigo se organiza da seguinte forma: o primeiro capítulo analisa a cibercultura e as novas relações sociais globais. No segundo capítulo, dividido em dois tópicos, será feito um breve histórico sobre os movimentos sociais no Brasil e uma abordagem do fenômeno do ciberativismo. O terceiro capítulo aborda os movimentos de protesto na atualidade, com destaque para o movimento Revolta do Busão, em Natal, Rio Grande do Norte.

A metodologia utilizada neste trabalho teve como referências parte da bibliografia sugerida e discutida durante a disciplina Tópicos Avançados em Ciências Sociais: Cibercultura e Identidades na Era Líquida, ministrada pelo professor Dr. Alexsandro Galeno Araújo Dantas; como também entrevistas realizadas com militantes do movimento Revolta do Busão e pesquisas em sites da internet.

Dessa forma, as entrevistas foram realizadas com pessoas de diferentes espaços sociais, filiados e não filiados a partidos políticos, militantes que participaram de outros movimentos sociais e os que tiveram, na Revolta do Busão, sua primeira participação política.

Assim, com os questionamentos centrais da nossa análise, procurou-se saber qual a visão dos entrevistados sobre os atuais movimentos de protesto, e qual o poder da internet nesses movimentos contemporâneos. Nesse sentido, os entrevistados foram questionados sobre a sua participação na Revolta do Busão, se o movimento é, ou não, espontâneo e, ainda, se o poder da internet é suficiente para que haja mudanças efetivas na sociedade.

A cibercultura e as novas realidades sociais

As novas tecnologias de informação e comunicação têm revolucionado a comunicação global. A cibercultura, surgida no final do século XX, através das redes telemáticas mundiais e da microinformática, possibilitou novas formas socioculturais; os hábitos sociais e as práticas de consumo culturais foram modificados juntamente com a distribuição da informação. O acentuado crescimento do fluxo de informações possibilitado pela internet favoreceram novas formas de sociabilidade entre os povos.

Os contatos que antes ocorriam no espaço da vizinhança, nos grupos familiares, atualmente abarcam um espaço maior, sem limites geográficos; o espaço das relações é um lugar virtual marcado pela ausência do corpo. As novas formas de comunicação caracterizadas pela fluidez e pela velocidade dos contatos estabelecidos pela internet se inserem nas comunidades e redes sociais.

Segundo Lemos e Lévy (2010, p. 103), “Uma comunidade virtual é entendida pelos benefícios que provém das relações entre seus usuários, sendo dois fatores fundamentais para o seu desenvolvimento e manutenção: a estrutura técnica de redes de computadores e a intenção de seus membros no tempo”. Sendo assim, para que as comunidades se fortifiquem em intensidade e vigor por meio da amplitude das relações com novos seguidores, se faz necessária a existência de motivação e interesse compartilhados entre seus membros.

Dessa forma, as comunidades virtuais tornam-se espaço de encontros de grupos de indivíduos com interesses comuns, que trocam experiências, informações, discutem diversos assuntos, inclusive reivindicações políticas ativistas. Nesses espaços globais, diversos internautas do mundo inteiro fazem os mais diversos tipos de protestos. E o

Brasil está entre os maiores usuários de redes sociais que participam e produzem informação.

Observa-se que o ciberespaço possibilita uma maior liberdade de emissão, e com isso surgem novas formas comunicativas que permitem a qualquer pessoa – e não apenas às empresas de comunicação – consumir, produzir e distribuir informação. A informação que antes era monopólio exclusivo da mídia, agora circula livremente em diversos espaços, e por diversas pessoas, que produzem a informação sem controlar a opinião pública. Conforme Bukatman, “O espaço cibernético é celebração do espírito (...) É um reino onde o mental se libera dos limites corporais, é um lugar favorável à onipotência do pensamento”. (Bukatman, 1993, p. 208-209 *apud* LE BRETON, 2007, p. 142).

Nesse sentido, podemos observar que o espaço virtual, por possibilitar o anonimato, permite que os internautas possam se sentir livres para se posicionar sobre qualquer assunto que lhes interessa. Assim, a utilização de ferramentas de comunicação digitais produzidas por vozes livres e independentes busca reconfigurar a cultura política contemporânea.

É importante salientar que, na era da computação social, os conteúdos são criados e organizados pelos próprios utilizadores. O poder das ferramentas de comunicação é observado na expressão livre dos movimentos sociais e das reivindicações políticas ativistas (LE MOS; LÉVY, 2010).

Sendo assim, interagir e atuar diante das novas tecnologias da comunicação é o desafio do tempo presente. Tudo pode ser transformado ou enquadrado nos anseios da modernidade, e é exatamente por isso que as pessoas tentam se adaptar, com o domínio das técnicas, das habilidades e abraçando as diversas possibilidades que o mundo virtual pode proporcionar. Desse modo, a cultura política vem sendo reconfigurada com a cibercultura, com a possibilidade de nos conectar a outros, a produzir, reproduzir, divulgar e trocar informações.

Os movimentos sociais no Brasil e o fenômeno do ciberativismo

Histórico dos movimentos sociais no Brasil

Os movimentos sociais no Brasil têm um trajeto de lutas nos diferentes momentos da história política do país. Através de várias revoltas populares, os movimentos contestatórios ao poder político vigente se organizaram desde o período colonial, durante o Império e na República brasileira. Sobre o assunto, na interpretação de Gonh, movimentos sociais

São ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo. (GONH, 1995, p. 44).

No período republicano, com o avanço da industrialização no país, através das greves, os operários das primeiras indústrias começaram a reivindicar por melhorias nas condições de trabalho, influenciados por ideais e movimentos políticos surgidos em outras partes do mundo.. Nesse sentido, o movimento social pode ser definido como “um ator coletivo cuja orientação maior é a defesa do sujeito, a luta pelos direitos e a dignidade dos trabalhadores” (TOURAINÉ, 1994, p. 254).

Nos governos de Getúlio Vargas, várias manifestações dos trabalhadores foram organizadas, as quais exigiam melhores salários e mudanças nas relações de trabalho no país. Nos anos 1960, no governo de João Goulart, o momento político era de agitação social. Campanhas de alfabetização popular cresciam em toda parte, a luta pela reforma agrária estava forte em todo o país, os Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE) se espalhavam, unindo política e arte.

Nesse momento histórico, os movimentos sociais ocupavam as ruas, com reivindicações por mudanças efetivas na vida da população. Ainda sobre o conceito de movimento social, Castells o define como “organização do sistema dos agentes sociais (conjuntura das relações de classe) tendendo a produzir um efeito qualitativamente novo sobre a estrutura social” (CASTELLS, 2000, p. 375).

Conforme a interpretação do autor, os movimentos sociais buscam atingir uma nova perspectiva de vida, com alterações na estrutura da sociedade. Entretanto, o Brasil passava por um período de crise e de efervescência social, com o avanço das propostas políticas de esquerda. As manifestações ocupavam a cena política quando, a partir de abril de 1964, os militares ocuparam o governo e deram início a uma forte repressão aos movimentos sociais.

Os militares, ao assumirem o governo, ganharam apoio de uma parcela da classe média que foram às ruas defender o novo governo. Enquanto, por outro lado, os militantes políticos de esquerda lutavam na clandestinidade para combater e derrubar os governos militares no Brasil. No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, os movimentos sociais de esquerda se mobilizaram em grandes passeatas, os quais pediram a anistia de vários líderes políticos e as eleições diretas para Presidente da República.

Ainda nos anos 1980, em reuniões com intelectuais, artistas, sindicalistas, parte da Igreja Católica, mais próxima aos movimentos sociais, foi fundado o Partido dos Trabalhadores (PT), que se tornou um partido que defendia a ética na política e lutava por uma sociedade mais justa. Em 1989, o PT participou do processo de eleições diretas, o qual foi derrotado nas eleições. Entretanto, o partido crescia cada vez mais entre os movimentos sociais organizados. Nesse sentido, Touraine define os movimentos sociais como “a ação conflitante de agentes de classes sociais lutando pelo controle do sistema de ação histórica” (TOURAINÉ, 1977, p. 336).

Nesse momento político novos movimentos sociais surgem com reivindicações específicas que vão além das questões de classe. São os movimentos das chamadas minorias sociais, que são as mulheres, os negros, homossexuais etc., o que reconfigurou o cenário das bandeiras de lutas na sociedade.

Nos anos 1990, as ruas são tomadas por protestos que exigiam a saída do presidente eleito Fernando Collor, e, na primeira década dos anos 2000, o Partido dos Trabalhadores, o PT, chega à presidência da República, inaugurando novas relações sociais e políticas. Nesse período, uma crise política entra em evidência, por meio da qual lideranças de esquerda passam a fazer parte do governo e os movimentos sociais perdem militantes para o poder institucional.

Novas demandas surgem dentro de um quadro que aponta um poder, cada vez maior, do capital no mundo e uma desigualdade social crescente. As tentativas de

melhorias sociais, por parte do novo governo no país, através de projetos nas comunidades e pequenas reformas, não conseguem dar respostas significativas às demandas e anseios da população. Por essa razão, aumenta a insatisfação popular com o sistema político e com as desigualdades econômicas e sociais.

O fenômeno do ciberativismo

O ciberespaço tem como característica marcante a complexidade de indivíduos e pensamentos que circulam livremente neste ambiente, no qual a cultura política também se modifica e se insere no novo contexto. A liberdade na emissão da palavra permite a troca de informação entre pessoas, assim como o surgimento de novos agentes, e novas mediações, por meio de tensões políticas que atingem o centro da pólis em sua dimensão nacional e global. Assim, a dimensão política se insere em um novo formato de ação na sociedade, que tem como pano de fundo o mundo virtual. Conforme Lemos e Lévy,

O ciberespaço, cenário privilegiado da cibercultura, é em sua essência político e o futuro da internet aponta para novas modalidades de emissão livre, de formas de compartilhamento de informação, de cooperação. O que se espera são mudanças políticas globais da esfera política em direção a uma ciberdemocracia. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 28).

O fazer política é resignificado de acordo com as perspectivas de um tempo moderno e dominado pelas tecnologias de comunicação. “Não é novidade que a relação entre a comunicação (a potência social) e a técnica (a potência de ação) está na base da dimensão política.” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 30).

Os movimentos sociais, desencantados com os partidos políticos, sem uma referência de esquerda que seja diferente de toda uma prática política arcaica e viciada, tentam fazer a sua crítica à forma de gerenciar o sistema e à ausência de uma direção que modifique significativamente a vida de todos. Sendo assim, com as possibilidades surgidas com o advento da cibercultura, os movimentos sociais passam a usar as ferramentas apresentadas por essa realidade moderna. Para Lemos e Lévy,

O objetivo é utilizar o potencial das ferramentas comunicacionais digitais para expressão livre dos movimentos sociais e das articulações e reivindicações político-ativistas. O que está em jogo é o alcance planetário para questões locais; a

livre expressão para publicação de informações: a colaboração e participação; a inclusão digital. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 28).

O ciberativismo, através do espaço virtual, tem a oportunidade de articular as reivindicações políticas. As ferramentas comunicacionais se apresentam como um instrumento facilitador da troca de informações entre militantes, como também entre movimentos ocorridos em lugares diferentes. A distância é diminuída com o uso da internet, pessoas se conectam a redes de relacionamento que possibilitam fazer política, intervirem por meio do campo virtual com a sociedade em que estão inseridas. “Aqui, o ‘sentido’ da tecnologia contemporânea não se refere a sua dimensão material, mas sim ao seu poder de produzir sentido, de fazer sociedade” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 30).

Verifica-se que a cultura pós-moderna abre espaço para um leque de relacionamentos que são constituídos em um ambiente no qual o contato físico pode ser dispensado. As pessoas criam um sentido novo para qualquer tipo de relação social, desde laços de amizade, compromissos afetivos, namoros e militância política.

Protestos, manifestações e as variadas formas de ativismo político ressurgem nesse novo contexto histórico, por meio das novas tecnologias e das redes informacionais como instrumento fundamental para transformações na sociedade contemporânea. A intervenção política que emerge do espaço da internet proporciona um significativo avanço no campo da ação política. “Devemos, ainda mais em países como o Brasil, aproveitar a potência que essas tecnologias nos oferecem para produzir conteúdo próprio, para compartilhar informação, enriquecendo a cultura e modificando o fazer político.” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 27).

Nesse sentido, verifica-se que a tecnologia moderna aponta para um novo direcionamento no que se refere ao fazer política. A democracia burguesa e seus limites na sociedade capitalista são colocados em xeque. Um profundo sentimento de descrédito com as instituições políticas faz emergir movimentos de protesto em vários países. O motivo das manifestações varia de região para região, mas a sensação de mal-estar social é o traço comum em todos os lugares, é o que une os manifestantes de todas as partes do mundo.

Movimentos de protesto na atualidade: a Revolta do Busão em Natal, Rio Grande do Norte

Os movimentos de protesto no mundo

Os movimentos sociais na pós-modernidade despontam em várias partes do mundo e inspiram manifestações coletivas protagonizadas por pessoas de diferentes idades, classes sociais e ideologias políticas. O sentimento de desencanto com as práticas políticas atuais, a situação angustiante em ser cidadão de um mundo cada vez mais injusto e desumano é o que torna comum as lutas em todos os lugares. Segundo Alves,

Os novos movimentos sociais, a princípio, não incorporam utopias grandiosas de emancipação social que exijam clareza político-ideológica. Pelo contrário, eles expressam, em sua diversidade e amplitude de expectativas políticas, uma variedade de consciência social crítica capaz de dizer “não” e mover-se contra o status quo. (ALVES, 2012, p. 36).

A crítica presente nesses movimentos sociais é bem peculiar a cada região. No entanto, o que há de semelhante nos movimentos de protestos ocorridos é sua indignação com o sistema político estabelecido, com os governos e a falta de uma política concreta que atenda as demandas da população.

É evidente que as grandes mazelas geradas pelo poder, cada vez maior, do capital no mundo, gerem descontentamento social, porém ainda é ausente, entre esses movimentos, uma pauta elaborada que questione os limites da democracia burguesa e os males que são reforçados em todas as regiões devido a esse sistema socioeconômico vigente. Nesse sentido, a crítica torna-se superficial ao não questionar a estrutura, a essência, a raiz do problema e somente as suas causas, sem uma maior profundidade. Ainda de acordo com Alves,

Na verdade, o que predomina entre os manifestantes é um modo de consciência contingente capaz de expor, com indignação moral, as misérias do sistema-sociometabólico do capital, mas sem identificar suas causalidades histórico-estruturais (o que não significa que não haja os mais diversos espectros de ativistas anticapitalistas). (ALVES, 2012, p. 36).

Com base nessa ideia, verifica-se o crescimento do ativismo político mundial observado nas redes sociais do mundo inteiro, em que diversos grupos de indivíduos escolhem as comunidades virtuais, a exemplo do Facebook, Twitter, Myspace, Blogs, etc. para se encontrarem, trocarem ideias e manifestarem opiniões de protestos contra determinado assunto ou situação política. No ciberespaço, questões de natureza local ganham alcance planetário, o que possibilita grandes mobilizações globais.

É importante pontuar aqui a eclosão de movimentos sociais de protestos que ocorreram ao redor do mundo no ano de 2011. A partir daí surge o novo momento da política global em que a voz das ruas passa a ocupar o cenário público com pessoas de diversas nacionalidades, em diferentes países, com diferentes propósitos, mas com formas de luta muito semelhantes.

As revoltas no mundo árabe influenciaram todas as outras; a chamada “primavera árabe” foi um fato inédito na região. Pela primeira vez na história, ditadores e dinastias foram depostos do poder pela população, exasperada com a alta do preço dos alimentos e a falta de liberdade. No norte da África o movimento assumiu o caráter de revolução democrática, que colocou fim a longas ditaduras. Na Europa, alguns países, como Portugal, Espanha, entre outros, enfrentam crise social, econômica e financeira que se arrasta desde 2008, a qual trouxe como consequências: desemprego, aumento dos gêneros alimentícios e, principalmente, ausência de alternativas políticas organizadas.

Nos EUA, considerado o mais global dos movimentos de protestos, “Occupy Wall Street” foi um movimento contra a desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a indevida influência das empresas financeiras no governo dos Estados Unidos, que, através das suas políticas neoliberais, eram responsabilizadas pela crise de 2008. Na América Latina, algumas de suas principais manifestações se expressaram por meio de reivindicação estudantil por educação pública e gratuita no Chile. Na Argentina, em 2012, os manifestos ocorreram após a reeleição da presidente Cristina Kirchner, que tem queda na sua popularidade devido à sua política de intervenção na economia, à crescente inflação, às denúncias de corrupção no seu governo, à insegurança urbana etc.

Logo, todos esses protestos convocados por meio das redes sociais e de comunicação por indivíduos, na maioria das vezes, sem filiação partidária têm uma característica em comum, com relação à motivação que levaram os cidadãos do mundo

inteiro a se indignarem com a situação política, econômica e social que os afligiam. As mobilizações iniciadas nas redes sociais em forma de protestos sociais de cunho político eram, na sua essência, motivados por vontade de mudanças. Segundo Carneiro,

Surge um novo momento da política global em que a voz das ruas passou a ocupar o cenário, deslocando velhos aparatos políticos e questionando a ordem do capitalismo financeiro, em textos escritos no calor dos acontecimentos e imbuídos não só da lucidez da crítica, mas também da paixão do engajamento e da esperança. (CARNEIRO, 2012, p. 10).

Alguns analistas sociais e outros pesquisadores avaliam um mês de manifestações nas ruas, e opinam sobre o que originou os protestos pelo país e o que esperar agora. Para Marco Aurélio Santana³, sociólogo da UFRJ, a experiência política das ruas destes dias, para toda uma geração de jovens, ficará sempre como horizonte de possibilidade. Afirma, ainda, que não se sairá deste movimento como nele se entrou.

Neste sentido, percebe-se que, em meio à crise econômica e política que se alastra por todo o país, é notória a participação política de grande parte da população brasileira, a qual, em diversos estados da federação, mobilizou-se e foi às ruas motivada por algo em comum: o desejo de mudanças, da esperança de ver um país melhor para todos, com possibilidades de crescimento e desenvolvimento econômico e social, além de lideranças políticas comprometidas com o bem comum, e não com os interesses individuais.

Revolta do Busão em Natal, Rio Grande do Norte

O sentido dos protestos eclodidos em diversos lugares gira em torno de questões que afetam o cotidiano dos indivíduos. Assim, o movimento de protesto surgido em uma das cidades brasileiras, em Natal, no Rio Grande do Norte, teve como estopim o aumento dos preços das passagens do transporte público e a péssima qualidade de seu sistema na cidade.

Em Natal, a exemplo das mobilizações virtuais que acontecem em diversos países – e que “ganham as ruas” –, o ativismo político surgiu com efervescência no ano de 2010,

³Reportagem retirada do site G1, publicada em 10 de julho de 2003.

no ciberespaço da rede social Twitter. Os usuários da rede se conheceram de forma online, e formaram um movimento social denominado #ForaMicarla, em referência à insatisfação dos cibernautas natalenses do Twitter, com a atual gestão da prefeitura da cidade do Natal, Micarla de Sousa (na época filiada ao Partido Verde). Após esse movimento, surge um outro, denominado #RevoltadoBusão, ainda na gestão Micarla, quando usuários das redes (o Facebook se destacou no cenário das mobilizações) utilizaram o ciberespaço para protestarem contra a má qualidade do transporte público e, conseqüentemente, do aumento da passagem.

Segundo Altanir Moraes do Nascimento⁴, um dos militantes da Revolta do Busão, essa forma de organização, que começou em 2011, lutava contra as tentativas de reajustar a passagem, por parte dos empresários junto com a Prefeitura de Natal, e ganhou força quando barrou o aumento no ano de 2012. Um exemplo similar de revolta havia ocorrido anteriormente em Salvador, em 2003.

O movimento em Salvador, também denominado Revolta do Busão, defendia uma forma de organização que trabalhava a importância da independência da luta do povo frente às entidades tradicionais e ditas representativas. Para Altanir,

Essas manifestações, que vêm se espalhando pelo Brasil, são fruto não só de um descontentamento com a atual situação do país, mas também faz uma dura crítica às organizações tidas como tradicionais (sindicatos, entidades e partidos), que, durante esses últimos 10 anos de governo da “esquerda” (PT), não se posicionou, nem articulou os trabalhadores por mudanças, pelo contrário: os desmobilizou em detrimento da manutenção desse governo, esquecendo que só com luta conseguiremos mudanças reais.

O que ocorreu em Natal, de acordo com Altanir, foi a construção desse movimento, denominado Revolta do Busão, que contou com a participação de diversas organizações, ou seja, não seguiu as ordens das instituições tradicionais, mas foi sendo construído através do pluralismo democrático e livre. Entretanto, em outros lugares, a mobilização se

⁴Altanir Moraes do Nascimento, estudante de Ciências Sociais, militante do movimento Revolta do Busão em Natal, e um dos entrevistados neste estudo.

deu primeiro através dos atos chamados pela internet e depois se deu a organização plural.

A Revolta do Busão tem como característica fundamental ser um movimento organizado pela internet, especificamente pelo Facebook. Em Natal, a Revolta do Busão conseguiu a adesão de uma parcela da sociedade e do apoio da maioria da população. O que no início foi um movimento da juventude – com destaque para os jovens estudantes que lideraram os primeiros movimentos contrários ao aumento do preço das passagens de ônibus –, depois foi tendo o apoio e incorporação de trabalhadores, outras juventudes e outras categorias sociais.

A forma de organização desse movimento é um novo fenômeno no campo da política, no qual tudo é iniciado e combinado pela internet, com base na troca de informações virtuais. A cultura pós-moderna, com seus aparatos tecnológicos, permite aos movimentos sociais divulgar e discutir sobre uma manifestação sem nenhum contato físico entre seus integrantes, sendo tudo pensado, propagado e disseminado pelo Facebook e outras redes de relacionamento. De acordo com Altanir, a internet e, mais precisamente, o Facebook cumpriram um papel fundamental na articulação desses movimentos, com base em dois motivos principais:

O primeiro é o fato de que, nesses meios de comunicação, não existe controle, é uma mídia “livre”, onde todo mundo fala o que quer, e tem um grande poder de mobilização devido à febre de acessos que o Facebook, por exemplo, tem hoje no Brasil e no mundo. O segundo é consequência do primeiro, pois esse poder de acesso fez com que diversos grupos e organizações conseguissem se comunicar entre cidades, de uma forma muito mais dinâmica, o que facilitou a articulação de mobilizações nacionais, bem como a possibilidade de se ter acesso, em tempo real, a cada manifestação, saber de fato o que ocorre em cada cidade, além de, é claro, permitir um grande diálogo acerca das pautas e das estruturas de cada movimento.

Segundo Altanir, somando essas duas questões, a internet conseguiu ser a ferramenta matriz no que diz respeito à mobilização, pois o que nos movimentos sociais anteriores era feito através do contato direto, nas universidades, escolas e fábricas do Brasil se resumiu a um simples “clique” em um único texto, uma única nota de

convocação, por meio do qual pode-se atingir milhares de pessoas no Brasil e em todo o mundo.

A internet assume a função articuladora dos movimentos de protesto ocorrido no país e em Natal, o que possibilitou a participação de pessoas que nunca fizeram parte de uma manifestação política e que, através de grupos de discussão no Facebook, podem opinar, como também ajudar a construir as manifestações. Conforme Suyanny Félix⁵, que teve a sua primeira participação política na Revolta do Busão em Natal, sobre a importância da internet,

Este meio de comunicação é muito importante para as mobilizações, devido à transmissão de imagens ao vivo, além de fotos e mensagens em redes sociais. Digo que é o mais importante para nós, manifestantes. A imprensa comprada por autoridades aliena cada vez mais a população, dando informações errôneas. Então, usamos o meio da internet para mostrar os fatos verídicos para que todos saibam a importância de um protesto.

De acordo com a opinião de alguns militantes da Revolta do Busão, pode-se definir como uma característica central do movimento a horizontalidade, ou seja, a maneira de conduzir as pautas, atividades e atos públicos, que é feita através da participação de todos. De acordo com Alex Jacinto Duarte⁶, que também teve a sua primeira participação política na Revolta do Busão em Natal, sobre a construção das atividades,

Temos reuniões semanais, plenárias, onde tudo sobre a revolta é decidido, o dia dos protestos, as ações, tudo de forma democrática, todos podem opinar e dar sugestões. Ao final da plenária, são votados os tópicos. As plenárias são realizadas geralmente no centro de convivência da UFRN, às vezes na praça cívica da cidade, ou em outro lugar público. Na última descobrimos um policial disfarçado que estava gravando tudo, ele foi expulso da plenária, filmamos e gravamos o rosto dele. Isso é reflexo da repressão que o governo vem fazendo com o movimento, alguns participantes estão sendo vigiados, inclusive relatos de carros suspeitos parados em frente das casas de participantes da revolta. Comecei a participar por achar legítimas a revolta, a luta contra o avanço bestial do capital, e a exploração em detrimento da qualidade de vida das pessoas.

⁵Suyanny Félix, estudante de Serviço Social e militante entrevistada do Movimento Revolta do Busão.

⁶Alex Jacinto Duarte, estudante de Serviço Social, supervisor de vendas e também militante entrevistado do movimento Revolta do Busão.

No entanto, é importante perceber que não é um partido ou grupo específico que comanda as ações do movimento e sim diferentes atores sociais, dos mais variados espaços possíveis. Conforme Alex, o que mais chama a atenção no movimento é exatamente a forma inovadora de sua construção, onde a organização acontece de forma horizontal, sem lideranças ou partidos tomando a frente, mas sim através da participação livre de todos que desejam somar com as pautas do movimento:

Eu percebo que é uma forma madura de organização, me parece um próximo passo da evolução no que diz respeito às massas nas ruas, isso não impede de ser organizado, de ter estratégias, mas, sem líderes, todos possuem papel fundamental, produzindo, acrescentando, somando; no final, forma-se um belo mosaico nas ruas.

Nesse sentido, podemos definir a Revolta do Busão como um movimento social que consegue abranger a juventude e outros segmentos da sociedade insatisfeitos com um dos direitos sociais básicos, que é o direito de ir e vir. Conforme Mozart de Albuquerque Neto⁷, que participou de alguns atos públicos da Revolta do Busão, a organização do movimento é muito interessante. No entanto, ele aponta que, muitas vezes, a amplitude de pautas, ou a não precisão destas, podem atrapalhar a condução do movimento. Mas, mesmo assim, a forma de organização é muito positiva.

Segundo ele, a internet permite a mobilização de um número significativo de pessoas. Além disso, as discussões se tornam mais horizontais. Não é necessário que o indivíduo seja uma liderança de massas para propor ações e convencer os demais. Nesse movimento, todos podem opinar, mas as decisões são tomadas coletivamente, através da contribuição de todos.

Dessa forma entende-se que o processo de comunicação e informação global surgido com o advento da internet possibilita uma circulação e uma emissão de forma massiva, o que permite à qualquer pessoa e não apenas às mídias tradicionais (jornais impressos, rádio, TV, etc.) produzir, consumir e distribuir informação. De acordo com Mozart,

A internet barateia custos com mobilização, encurta o tempo necessário a se atingir um grande número de pessoas, possibilita a inclusão de outras formas de

⁷Mozart de Albuquerque Neto, advogado e participante entrevistado do movimento Revolta do Busão.

comunicação além da textual (imagens, áudios e vídeos) e democratiza o debate, já que todos podem participar de onde estiverem e deixa todos no mesmo pé de igualdade.

Nesse sentido, é importante perceber a diferença de organização dos movimentos sociais antigamente e na atualidade. As mobilizações no passado eram, muitas vezes, caras. Tudo era mais demorado e trabalhoso para ser feito, envolvia horas de carro de som, anúncios em rádios, impressão e distribuição de panfletos e cartazes, além do contato direto em salas de aula, no caso dos estudantes, nas fábricas ou locais de trabalhos, no caso dos trabalhadores.

As mobilizações aconteciam de forma mais lenta, porque o contato físico, as possibilidades de comunicação e divulgação tradicionais eram bem mais difíceis com a distância. As reuniões eram restritas às diretorias das entidades ou a poucos militantes para definir os atos públicos. Segundo Altanir,

Outro fator importante nas mobilizações era que, antigamente, as entidades custeavam toda a mobilização, através de ônibus que eram fretados para carregar os trabalhadores ou estudantes até um determinado local de concentração; hoje, isso não existe mais, ou acontece muito pouco nesses novos movimentos, pois uma das principais vitórias dessas novas formas organizacionais é o fato de que cada indivíduo sai da sua casa, paga sua passagem e vai por conta própria para a manifestação e não porque está sendo “conduzido” por uma entidade, partido ou sindicato.

Os novos tempos permitem um contato rápido, a rapidez da informação é algo impressionante. A velocidade em que tudo é repassado possibilita uma participação maior de pessoas, que não só participam nas ruas como debatem, emitem suas opiniões e contribuem na construção das atividades.

As redes sociais têm um papel importante no viés mobilizador, por ser parte de um espaço complexo constituído de pluralidade. Neste sentido, quanto mais podemos livremente produzir informação, mais inteligente e politicamente consciente uma sociedade deve ficar. A cultura política se desenvolve através da liberdade e da abertura de debate possibilitada no ciberespaço. Assim, o ativismo político surgido nas redes

confirma essa ideia, por meio da qual milhares de usuários se encontram nas redes para produzir e compartilhar informações políticas democratizando não só a informação, mas o debate político.

Quanto à espontaneidade do movimento, para Mozart Neto “Não há nada espontâneo. Posso dizer que são atos surgidos de diferentes reivindicações, convocados por diferentes pessoas e movimentos (muitas vezes divergentes), mas não espontâneos”. No entanto, a maioria dos entrevistados diverge desse pensamento e percebe o movimento como algo espontâneo, que surge de uma demanda social, que é a luta contra o aumento das tarifas de transporte público.

A espontaneidade é justificada pelo debate existente nas plenárias do movimento que, conforme Altanir, não existe um controle político e ideológico das atividades. Os partidos tentam ir em blocos para essas reuniões, mas suas propostas são, na maioria das vezes, derrotadas. Nota-se que muitos partidos e políticos tentam se aproveitar das reivindicações, como também das pautas do movimento, por meio da apropriação de suas bandeiras políticas. Portanto, o movimento está atento para esse tipo de prática, não permitindo que este seja apropriado por nenhum grupo específico.

Nas plenárias, o debate político acontece com a presença de jovens filiados e não filiados a partidos, jovens que nunca fizeram parte de um movimento social e estão tendo a oportunidade, através da Revolta do Busão, de atuar politicamente. Tudo é construído sem hierarquia, mas com a intervenção de todos que desejam se pronunciar, e o mais importante para a maioria dos integrantes da Revolta do Busão são as pautas que unem os indivíduos e não as que evidenciam suas divergências.

A proposta inicial do movimento foi a redução das tarifas de transporte coletivo na cidade de Natal. No entanto, com adesão de vários movimentos sociais e com o avanço das diversas organizações que compõem o movimento, as reivindicações foram ampliadas, abrangendo uma discussão mais profunda sobre o direito básico da população a um transporte público de qualidade. Segundo Alex,

A Revolta do Busão começou reivindicando aumento da passagem, hoje suas pautas aumentaram: passe livre, abertura das contas do SETURN, construção de ciclovias, fim da dupla função de cobrador e motorista, acessibilidade verdadeira para deficientes físicos estão entre as reivindicações da Revolta. Poucos sabem,

mas a Revolta do Busão foi o pontapé inicial das revoltas em todo país, isso foi reconhecido inclusive no jornal *New York Times*.

Como explicou o integrante da Revolta do Busão, as pautas foram aumentando e a cidade de Natal se destacou como pioneira dos protestos, dos últimos anos, organizados por redes de sociais no país. A Revolta do Busão é debatida na rede de forma democrática, na qual todos os integrantes do grupo no Facebook podem emitir sua opinião.

Nesse sentido, é indiscutível o poder da internet diante desses novos movimentos de protesto político, mas é interessante ressaltar que esta, por mais que seja uma ferramenta essencial para a divulgação de informações, não é o suficiente para que haja uma transformação concreta na vida dos indivíduos.

Reconhece-se que a internet é um instrumento importante de mobilização na sociedade atual, no entanto não substitui a ocupação das ruas, o contato direto entre as pessoas, as grandes assembleias populares, a possibilidade de participação das donas de casa, dos desempregados e mais humildes nos debates que envolvem a política social. De acordo com Altanir,

Mas, o que realmente vai trazer as mudanças é o diálogo direto, quando o debate for uma coisa comum dentro das casas, na mesa do jantar, café e almoço, quando os pequenos grupos de jovens conversarem sobre política, quando a “fofoca” da esquina for a política, aí sim teremos mudanças efetivas na condução política do país.

Observa-se que a mudança desejada, além de econômica e política, é cultural. Para que as coisas mudem, é preciso uma nova atitude. A consolidação de uma cultura política que permita um diálogo crítico é fundamental, pois transformações na sociedade só acontecem com novos comportamentos, quando o debate político consciente fizer parte da vida de cada um.

Considerações finais

A sociedade atual passa por mudanças significativas no campo das novas tecnologias. Surgem as mídias interativas e as comunidades virtuais que estreitam os laços pessoais, construindo relações à distância. Nesse sentido, diante dessa configuração, os cidadãos do mundo moderno precisam apreender os códigos

comunicacionais para se sentirem incluídos e conectados a tudo que essa nova era apresenta.

Os movimentos sociais surgidos em diferentes partes do país, e até em outros países, têm, no campo da cibercultura, através dos novos meios de comunicação, das tecnologias modernas e do mundo virtual, seus parceiros fundamentais na construção, como também na discussão de cada manifestação popular ocorrida nas ruas das cidades.

Observa-se que os movimentos são de certa forma inovadores no que diz respeito às manifestações da juventude no Brasil, no século XXI. A Revolta do Busão, em Natal, além de ter expressado reivindicações de toda a população da cidade e conseguido vitórias, vem cumprindo um papel essencial de educação política da juventude e da população da cidade, mostrando a forma como se defendem direitos nas ruas, se avança nas conquistas, se pratica a democracia direta, e como se constrói a cidadania.

Diante do exposto, fica clara a importância das redes sociais como uma ferramenta facilitadora na comunicação global, assim como uma nova maneira de se fazer política. A informação é produzida de forma massiva, democrática e livre. Tudo é compartilhado e ressignificado com uma fluidez constante entre seus usuários. A articulação política é facilitada através do ciberespaço, onde as mensagens, vídeos, imagens, opiniões circulam com uma imensa velocidade, na qual o contato físico é dispensável e as distâncias tornam-se aproximadas.

O movimento Revolta do Busão resgatou o sentimento de participação, engajamento e sensibilidade diante das problemáticas sociais, e esse é um movimento essencialmente político, não necessariamente espontâneo. Ou seja, a condução dos rumos do movimento, o direcionamento que será dado, bem como as suas pautas prioritárias, serão decididos e disputados entre seus militantes e participantes, na ocupação dos espaços públicos.

Nesse sentido, as redes informacionais abrem novas possibilidades, e carregam um lado positivo e outro negativo. No entanto, por mais que o fazer política na atualidade tenha no mundo virtual seu principal instrumento mobilizador, a internet não substitui a ocupação do espaço público. As mudanças são fruto de um processo de luta que se trava no cotidiano, as conquistas não acontecem por acaso e não podem ser virtuais, elas exigem a presença efetiva nas ruas e o contato físico real, sólido e constante entre as pessoas.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 48. 590p. (Coleção Pensamento Crítico)

DUARTE, Alex Jacinto. **Alex Jacinto Duarte**. [jul. 2013] Entrevistadora: Michelle Pascoal Maia. Natal/RN. 2013. (Militante da Revolta do Busão. Supervisor de Vendas)

FÉLIX, Suyanny. **Suyanny Félix**. [jul. 2013] Entrevistadora: Michelle Pascoal Maia. Natal/RN. 2013. (Militante da Revolta do Busão e Estudante de Serviço Social)

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1995.

HARVEY, David *et al.* **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Tradução de Appenzeller. Campinas: Papirus, 2007.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

NASCIMENTO, Altanir Moraes do. **Altanir Moraes do Nascimento**. [jul. 2013] Entrevistadora: Michelle Pascoal Maia. Natal/RN. 2013. (Militante da Revolta do Busão e Estudante de Ciências Sociais)

NETO, Mozart de Albuquerque. **Mozart de Albuquerque Neto**. [jul. 2013] Entrevistadora: Michelle Pascoal Maia. Natal/RN. 2013. (Militante da Revolta do Busão e Advogado)

SILVA, Raquel Souza da. **Twitter e ciberativismo**: O movimento social da hashtag “#ForaMicarla” em Natal-RN. Natal:UFRN, 2012.

TOURAINE, Alain. Os movimentos sociais. In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. de S (Orgs.). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1977.

_____ **Crítica da modernidade.** Tradução de Elia Ferreira Edel. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

Análises das manifestações. Disponível em:<<http://www.g1.com.br>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

Ciberculture and social movements

Abstract: This paper is a study on the relation between postmodern cyberculture and social movements. Our aim is to analyze the cyber-activism phenomenon, based on a protest movement occurred in Natal, Rio Grande do Norte, called Big Bus Revolt. We try to understand the new political relations based on cyberculture; accordingly, interviews with some participants and activists of the movement in Natal were undertaken. The Big Bus Revolt was a protest movement organized over the internet, specifically through Facebook which has become a tool for mobilizing several thousands of people in the streets. Through a reflection on cyberculture and new social realities, and a small historical account on social movements in Brazil, highlighting the emergence of the cyber-activism phenomenon and the outbreak of the Big Bus Revolt, we found a transformative element of political culture through informational technologies and networks introducing new ways of making politics and developing social movements actions. The study also attempts to show the importance of social networks as an enabling tool in this new process of global communication, which has resulted in the mobilization of protests occurring around the world, and particularly in the city of Natal, Rio Grande do Norte.

Keywords: Cyberculture, Cyberactivism, Social movements, Big Bus Revolt.